

LIBERDADE ANTINÔMICA EM *OS DEMÔNIOS* DE DOSTOIÉVSKI

Jacqueline Sakamoto¹ (PUCSP)

Note que a natureza humana exige absoluta contemplação. Moral e fé são uma e a mesma coisa, a moral resulta da fé, a necessidade da contemplação é um bem inalienável da natureza humana. Esta é uma qualidade sublime, não a mais humilde – uma reconhecimento sobre o infinito – um esforço abundante em direção ao infinito do universo, um conhecimento que resulta dele. Mas, para isto a contemplação é necessária, Deus deve existir. O *Ateísmo*, por ser precisamente um corolário de noções onde a contemplação não constitui um bem da natureza humana, tem a expectativa de regenerar o homem contando somente com suas [do homem] próprias fontes. Realiza um esforço de representar seu aspecto moral, na forma que está tomando, quando o homem se torna livre da religião e de tudo mais. Mas na verdade eles representam nada – uma árvore deve ser julgada por seus frutos – sendo assim, representam nada além da deformidade e de uma filosofia da digestão. (DOSTOEVSKY, 1968, p. 253)

Dostoiévski realiza em *Os Demônios* uma reflexão que considera os desdobramentos de uma nova época. Época onde céu e o inferno se fecham diante do homem novo. Desvinculado de toda ordem cósmica profundamente fincada numa tradição religiosa de origem, Deus e o demônio são rechaçados à esfera do incognoscível perdendo toda a realidade. O homem encerra-se num universo do puramente humano. E perdida toda sua profundidade aparece como uma criatura plana. Porém, o solo sob seus pés não está tão firme como lhe parecia, das profundezas seladas manifestam-se abismos que revelarão novamente o céu e o inferno, Deus e o demônio. Toda a obra de Dostoiévski encontra-se nesta realidade interior desvelada, nas profundezas supremas do espírito humano: quando o homem se ergue contra toda ordem objetivamente estabelecida, contra suas raízes, e manifesta o seu arbitrário. Será este destino que interessa ao autor.

O pensamento de Dostoiévski nega toda realidade mundana que se apresenta como estável e final. E identifica as inconsistências e contradições do pensamento como expressões de um conflito espiritual fundadas inteiramente no coração da existência em si, e que jamais podem ser disfarçadas pelo mérito de uma façanha qualquer que conduza a uma unidade lógica. O coração da existência recebe os contornos da integralidade da personalidade. E é na raiz da personalidade que a liberdade é realizada. Sobre esta liberdade não se pode dizer o que ela é, apenas *sofrer* o fato de ser livre. Dostoiévski afirma esta liberdade como sendo “uma marca de Deus: assim como Deus é livre, o ser humano também o é. Todavia, no regime da natureza essa liberdade degenera, pois o ser humano logo toma consciência da dificuldade que tem para ser livre [...]”. (PONDÉ, 2003, p. 177)

Antropodicéia e teodicéia estão em estreita correspondência. Se nada existe acima do homem, o homem tampouco existe. Matar Deus é matar simultaneamente o homem. E sobre estes dois túmulos eleva-se a imagem de um monstro. Dostoiévski mostra o cristianismo no sentido mais profundo do termo: Deus não devora o homem, nem o homem desaparece em Deus, mas antes, permanece ele mesmo até a consumação dos séculos. (BERDIAEFF, [194-?], p. 71) E isto mostra

¹ Jacqueline SAKAMOTO, Mestranda em Ciências da Religião (PUCSP), Pesquisadora do NEMES – Núcleo de Estudos em Mística e Santidade (PUCSP)
jacqueline.sakamoto@gmail.com

um traço peculiar de sua antropologia onde a imagem humana, os contornos da personalidade, em seu dinamismo e nas suas contradições permanece ela mesma até nas suas profundezas. O homem é indestrutível porque participa da profundidade da eternidade. Para ele o homem só pode ser compreendido como mistério porque nele está encerrada a idéia da liberdade. A realização da liberdade do homem é também a realização da liberdade de Deus no homem.

Diante do ateísmo em processo Dostoiévski percebe que na ausência do conhecimento que resulta de um esforço abundante em direção ao infinito, conforme coloca em suas anotações, a traição é consumada: “sendo o ateísmo inevitável e com ela a decadência, que alguns esperam que aconteça o quanto antes, o resultado será coincidente com [os planos de] Nietcháiev: queimar tudo”. (DOSTOEVSKY, 1968, p. 236) E ainda, “Pelo caminho mais rápido [do sofrimento à morte], naturalmente, que é sempre mais *humano*”. (Ibid, p. 237) É importante reconhecer o significado do fato que Dostoiévski não afirma a impossibilidade da organização do mundo sem Deus. A verdade, conforme indica De Lubac (1998), é que sem Deus o homem pode organizá-lo somente contra ele mesmo. Humanismo exclusivo é um humanismo não-humano. Por outro lado, a proposta da fé em Deus que demanda a contemplação do infinito não levará a uma vida terrestre confortável propiciando um sono tranquilo. Ao contrário, a fé que encontramos em Dostoiévski provoca distúrbios e nos leva continuamente a um balanço entre as concepções ideais sobre a vida e a vida como se apresenta. Num mundo que tende perpetuamente a fechar-se em si mesmo o amor à servidão e à violência podem facilmente ser disfarçadas de amor à liberdade (inclusive àquele que ama) quando é a lógica, e não a existência tecida e inteiramente em conexão com a vida, que realiza uma unidade de pensamento. Nenhum sistema de pensamento pode ser final. O final da dinâmica do espírito, e o final da emergência de suas novas contradições, somente encontrarão seu fim no final do mundo. Até que o mundo chegue ao seu final as contradições não poderão ser abolidas. E por esta razão o pensamento depende de uma perspectiva escatológica, que lança luz sobre ele acentuando a contradição e o paradoxo como inerentes à vida no mundo.

A idéia cristã do Reino de Deus e a consciência escatológica cristã não tem nenhuma conexão com a idolatria pela santidade na história, assim como, com a idolatria pela santidade revolucionária, democrática, socialista, com a idolatria por sistemas filosóficos que acabam por dissolver a personalidade num todo impessoal, ideal ou orgânico. E, principalmente, com a idolatria pela santidade do si mesmo. Trata-se antes, de uma colisão entre o amor apaixonado pelo mundo e o amor que vem do Alto, com a piedade por este mundo como mundo de sofrimento. A “liberdade que não tem conhecimento da compaixão se torna demoníaca. O percurso dos homens não é somente ascendente, mas também descendente”. (BERDYAEV, 1944, p. 10) Este percurso pressupõe uma reforma espiritual interior. Berdyaev (Ibid, p. 18) afirma ainda que “não se deve buscar a verdade somente pela via negativa de uma teologia apofática, mas, que a verdade deve ser também buscada pela via negativa de uma sociologia apofática. Sociologia catafática, ainda mais se fundada na religião, é a fonte da escravidão dos homens”.

Seguimos a reflexão com Berdyaev (Ibid) que afirma que o homem é o maior enigma do mundo, não como parte da natureza ou da sociedade, como ser de natureza ou ser social, mas é um enigma precisamente porque possui personalidade. É possível a ele buscar conhecimento sobre si mesmo partindo do princípio divino que existe nele, ou também, partindo de sua própria escuridão, do princípio demoníaco que existe nele mesmo. Isto se dá justamente porque é um ser contraditório e duplo, polarizado em altíssimo grau, capaz de grande amor e sacrifício, assim como, capaz de grande crueldade e egoísmo ilimitado. Sendo fruto da ação criadora de Deus sobre o Nada incriado vive sob ameaça contínua deste parentesco com o não-Ser. Nisto está a semelhança com Deus e a porta de entrada do princípio diabólico. (PONDÉ, 2006) Dostoiévski reconheceu este princípio trágico no homem desta inconsistência da natureza humana com peculiar distinção e foi quem melhor expressou esta dupla tendência. A necessidade de sofrimento e martírio que encontramos em seus personagens não só testemunham o fato de que o homem é um ser caído, mas antes, que ele sofre com o resultado de sua queda e deseja ir além. E é precisamente a consciência da

personalidade nele que fala do alto de sua natureza e vocação. A personalidade no homem é a evidência que o mundo não auto-suficiente e deve ser superado.

Não existe nada que possa ser comparado ou colocado no lugar da personalidade. Ela é única e impassível de repetição. A personalidade não encontra lugar no complexo processo contínuo de evolução do mundo. Pressupõe interrupção. A introdução de algo completamente novo.

Personalidade não pode ser reconhecida como objeto, como um dos objetos numa linha de outros objetos do mundo, como parte do mundo. Ela não é parte de um todo, por maior que seja este todo. Quando um homem integra uma parte de um todo social ou natural, a personalidade fica fora desta subordinação. A relação entre partes e todo é sempre uma relação matemática e impessoal. Esta é a maneira que a antropologia, ciências, biologia, psicologia ou sociologia podem considerar o homem. Nesta maneira o homem é considerado parcialmente; não existe neste caso nenhum mistério no homem, como personalidade, como um centro existencial do mundo. Personalidade só pode ser reconhecida como uma subjetividade infinita que está atada ao segredo da existência.

A existência da personalidade pressupõe liberdade. O mistério da personalidade é o mistério da liberdade. Deus é a garantia da liberdade da personalidade no homem. O cristianismo reconhece a imagem de Deus no homem, seu princípio espiritual que vai além do mundo social e natural, reconhecendo assim a liberdade espiritual. Deus mesmo encarnou e por isto exaltou o homem ao céu. O triunfo do princípio espiritual significa que nenhuma subordinação do homem ao universo é possível, significa antes a revelação do universo no homem.

Personalidade não só é capaz de experimentar sofrimento, mas em certo sentido, personalidade é sofrimento. O esforço para alcançar a personalidade e sua consolidação é um processo doloroso. A auto-realização da personalidade pressupõe resistência, demanda um conflito com as forças escravizadoras do mundo, uma recusa ao conformar-se ao mundo. Leva ao testemunho do fato que o homem é um ponto de intersecção entre dois mundos, nele toma lugar o conflito entre espírito e natureza, liberdade e necessidade, independência e dependência. Personalidade é o elemento revolucionário num sentido profundo, decorrente de sua dupla pertença, ele não pertence a um mundo, mas a dois. E será nesse movimento doloroso de conflito que a personalidade toma forma: na colisão com o mal em si mesmo e com o mal de seu meio. Sendo em parte filho do nada esta filiação vincula origem e destino. A saída do nada se dá em cada momento que se exerce a liberdade e neste sentido, divina e diabólica. (PONDÉ, 2006)

Dostoiévski explorou até o fim o caminho da liberdade na personalidade, no destino humano, e realiza simultaneamente uma antropodicéia e uma teodicéia. Todo o processo só existe em função da liberdade, e Dostoiévski não retira do homem o fardo de sua liberdade. Ao contrário, ele lhe impõe uma responsabilidade enorme e, não o livra do sofrimento ao preço da perda da liberdade. Para ele interessa o destino do homem na liberdade e da liberdade no homem. A experiência trágica de seus romances representa a experiência da liberdade que comporta o revoltar-se humano contra esta liberdade e, ao mesmo tempo, a liberdade extrema, final. Berdiaeff ([194-?], pp. 76-77) indica duas espécies de liberdade: a inicial e a final. Entre as duas encontra-se o caminho humano, de tormentos e sofrimentos, o caminho do desdobramento. A primeira consiste na liberdade de escolher o bem e o mal. E a segunda a liberdade no seio do bem. Uma liberdade irracional e uma liberdade na razão. Identifica ainda que a aspiração mais alta da liberdade do espírito refere-se a segunda liberdade, no Cristo, que torna livre o homem, mas que deve escolher livremente esta Verdade. Não existe constrangimento, e sim um ato de fé livre, que em nenhum momento pode subestimar esta livre escolha do homem. Nas palavras do Grande Inquisidor:

Desejavas uma fé livre e não inspirada pelo maravilhoso. Tinhas necessidade de um livre amor e não dos transportes servis de um escravo atemorizado. [...] Pode ele mesmo realizar o mesmo que Tu? [...] Estimando-o menos, terias imposto a ele um fardo mais leve, mas em relação com teu amor. Ele é fraco e covarde. (DOSTOIÉVSKI, 2001, P. 268)

A dignidade cristã reside no ato de fé livre e supõe o reconhecimento das duas liberdades: a liberdade na escolha da Verdade e a liberdade na Verdade. A liberdade com nada pode ser identificada, porque é por definição livre. Toda identificação, ou confusão da liberdade será uma negação da liberdade, um ato de constrangimento. O bem obrigatório não é o bem; ele mergulha no mal, no nada. Mas o bem livre, verdadeiro, supõe a liberdade do mal. Nisto está encerrado o mistério que Dostoiévski apreendeu em profundidade. Uma dialética trágica que acompanhamos com Berdiaeff ([194-?], PP. 79-80):

[...] o bem livre supõe a liberdade do mal. Mas a liberdade do mal conduz à destruição da própria liberdade, à sua degenerescência numa necessidade má. Por outro lado, a negação da liberdade do mal e a afirmação exclusiva do bem terminam igualmente na negação da liberdade, na sua degenerescência numa necessidade boa. Necessidade boa que já não é o bem, porquanto não há bem senão na liberdade. [...] O pensamento cristão sempre esteve oprimido por dois fantasmas, o da má liberdade e o do bom constrangimento. A liberdade sucumbiu, quer pelo mal que se descobria nela, quer pela obrigação do bem. [...] O que existe não é somente a liberdade na verdade, mas a Verdade sobre a liberdade.

A solução deste eterno problema se deve procurar no Cristo, que é a Verdade, mais ainda, a Verdade sobre a liberdade, a Verdade livre, o livre amor. Ele não pode ser destruído por nenhuma das duas liberdades, liberdade no mal e constrangimento no bem. Na Sua graça do amor livre a liberdade divina e a humana se reconciliam. Dostoiévski possibilita ao homem este caminho, aberto nas trevas e no abismo. Caminho errante que passa pelo conhecimento do bem e do mal, e só poderia ser tornado agradável ao preço da limitação da liberdade humana. No movimento de amor a Deus o homem experimenta ilusões e infortúnios. E Dostoiévski desvela ainda um elemento irracional na liberdade, no qual está encerrado seu segredo e se manifesta no próprio conteúdo da vida. Elemento portador do infinito, conteúdo ilimitado da vida que supõe o próprio infinito. O Mistério redentor onde Cristo aparece ao homem como liberdade última, na profundidade de si mesmo, quando já abusou de sua liberdade inicial e a fez degenerar em seu contrário.

A *Lenda do Grande Inquisidor* reconstitui o que nas escrituras encontramos como *Tentação no Deserto* (Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13). Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo diabo que é repellido e o deixa ao final. As tentações são afastadas por Cristo que não deseja um espírito humano cativado pelo pão, pelo milagre e pelo reino terrestre. O Grande Inquisidor, ao contrário, acolhe as tentações em nome da felicidade e apaziguamento dos homens, renunciando assim a liberdade.

Mas Tu não quiseste privar o homem da liberdade e a recusaste, achando que ela era incompatível com a obediência comprada por meio de pães. Replicaste que o homem não vive somente de pão; mas sabes que em nome desse pão terrestre, o Espírito da Terra se insurgirá contra Ti, lutará e Te vencerá [...] Séculos passarão e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios e de seus intelectuais que não há crimes e, por conseguinte, não há pecado; só há famintos. [...] Nenhuma ciência lhes dará pão enquanto permanecerem livres, mas acabarão por depositá-la a nossos pés, essa liberdade, dizendo: “Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis”. (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 265)

O Inquisidor eleva-se contra Deus tomando a defesa de uma humanidade débil, sendo que em nome deste amor retira a liberdade humana que os atormenta com sofrimentos. Este amor em que Deus não faz parte o homem tampouco é considerado. O caminho do bem, para Dostoiévski, deve necessariamente considerar que o homem está predestinado a uma vida superior, divina. Por outro lado, o espírito revoltado que propõe a fundação de uma ordem no lugar de Deus, retirando o fardo do sofrimento e da responsabilidade, na qual a liberdade humana é banida, fatalmente termina no sistema do Grande Inquisidor. Se não existe no mundo o sentido do infinito, se não há Deus nem imortalidade, só resta aos homens a organização da vida regida pela necessidade, na extinção da liberdade de espírito. Esta revolta contra Deus, que tem o ateísmo como base, deve conduzir fatalmente a um despotismo ilimitado. Este sistema onde o homem é reduzido a um formigueiro

social, mantido pelo constrangimento, foi expresso por Chigalióv, um fanático pelo amor humano, e Vierkhoviénski no romance *Os Demônios* (DOSTOIÉVSKI, 2004, pp. 391-394):

Partindo da liberdade ilimitada, chego ao despotismo ilimitado. Acrescento, não obstante, que não pode haver nenhuma solução da fórmula social a não ser a minha. [...] Ele [Chigalióv] propõe, como solução final do problema, dividir os homens em duas partes desiguais. Um décimo ganha a liberdade de indivíduo e o direito ilimitado sobre os outros nove décimos. Estes devem perder a personalidade e transformar-se numa espécie de manada e, numa submissão ilimitada, atingir uma série de transformações da inocência primitiva, uma espécie de paraíso primitivo, embora, não obstante, continuem trabalhando. As medidas que o autor propõe para privar de vontade os nove décimos dos homens e transformá-los em manada através da reeducação de gerações inteiras são excelentes, baseiam-se em dados naturais e são muito lógicas.

A liberdade de espírito humano é incompatível com a felicidade humana, e o Grande Inquisidor acusa Cristo de ter imposto aos homens uma liberdade que ultrapassava suas forças, e agindo como se não os amasse. “Tu, que vieste dar Tua vida por eles! Aumentaste a liberdade humana em vez de confiscá-la e assim impuseste para sempre ao ser moral os pavores dessa liberdade” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 267). E ainda continua: “Em lugar da dura lei antiga, o homem devia dali em diante, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão Tua imagem [...]” (Ibid). Se para Dostoiévski a liberdade não é cambiável, nenhum conforto nem repouso de consciência, em troca da liberdade desejada aos homens por Cristo como livre amor, o Grande Inquisidor, por outro lado, se encarrega da massa. Para ele a felicidade é incompatível com a liberdade, também porque considerada aristocrática, impossível ao homem por ele considerado escravo, fraco e vil. Segundo sua opinião medíocre sobre a natureza humana, continua acusando Cristo por não ter descido da Cruz, porque os homens procuram mais o milagre que a Deus. Cristo desejava um amor livre, voluntário, uma fé livre que não necessita do milagre. Segundo as palavras do Grande Inquisidor, Cristo rejeita todo constrangimento e subjugação da consciência humana, dando assim um exemplo insuportável a ser seguido: “Queres saber se és o filho de Deus? Lança-te daqui abaixo, porque está escrito que os anjos O sustentarão e O carregarão, e Ele não sofrerá nenhum ferimento. Saberás então se é o Filho de Deus e provará assim Tua fé em Teu Pai” (Ibid). O Grande Inquisidor rejeita o exemplo de Cristo aos homens, almas fracas que não podem ser culpadas por não suportarem semelhante prova e “corrige” a obra divina baseando-a no milagre, no mistério e na autoridade. Contra os poucos que terão força para segui-Lo toma partido dos inumeráveis, débeis e fracos que deverão servi-lo, como caros instrumentos aos poderosos e fortes. Espera com eles realizar uma organização determinada da vida, exterminando o elemento irracional em troca da felicidade, da saciedade e do repouso. Uma nova e espantosa torre de Babel.

“Mas se o cristianismo não tornou felizes os homens, não os alimentou, é porque não quis violentar a liberdade humana, e porque é dela que ele espera o cumprimento da palavra do Cristo” (BERDIAEFF, [194-?], p. 243). A fé em Deus já é signo da altura do espírito, a descrença a queda na superfície:

Muitos pensam que é suficiente acreditar nos ensinamentos morais de Cristo no lugar de ser cristão. Não é a moralidade cristã, nem seus ensinamentos, que salvarão o mundo, mas a *fé* e nada mais, fé na realidade do verbo que se fez carne. Esta fé não é somente um reconhecimento intelectual da superioridade de Seus ensinamentos, mas antes, ser tomado pelo esforço imediato para um fim. O que se deve acreditar é precisamente na noção deste ideal último do homem, o verbo todo encarnado, Deus encarnado. Somente com esta fé alcançamos a contemplação correta, aquele êxtase que, mais do que qualquer outro nos une a Ele imediatamente e que tem o poder de manter o homem longe do caminho errado. Qualquer êxtase menor que este levaria a humanidade, talvez inevitavelmente, à

perdição, a cair na heresia, para em seguida na maldade, na amoralidade e, finalmente, no ateísmo e trogloditismo; devendo em seguida desaparecer, e decompor-se. (DOSTOEVSKY, 1968, pp. 252-253)

Por outro lado, o segredo do Grande Inquisidor consiste justamente no ateísmo, esta é a base de resolução dos problemas terrestres, e que levará ao homem saber diante de quem inclinar-se:

Por que então vir enterrar nossa obra? Por que guardas Tu o silêncio, fixando-me com Teu olhar penetrante e terno? É preferível que Te zangues, não quero o Teu amor, porque eu mesmo não Te amo. Por que haveria eu de dissimular isto? Sei a quem falo, Tu conheces o que tenho a dizer-Te, vejo-o nos Teus olhos. Cabe a mim esconder-Te nosso segredo? [...] Ei-lo: não estamos Contigo, mas com ele já há muito tempo. (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 269)

No sistema do Grande Inquisidor a teoria da autoridade é sustentada numa deformação, numa negação, do mistério do Deus crucificado. A Verdade colocada na cruz não constringe ninguém, dirige-se a uma confissão livre do espírito humano. Cristo não desceu da cruz para satisfação dos descrentes e aparece ao mundo humilhado, dilacerado e crucificado reafirmando assim, a liberdade do espírito humano. O Mistério colocado na cruz pelas forças do mundo, para que fosse afirmada a liberdade pelo reconhecimento sustentada numa fé livre, trata do reconhecimento das coisas invisíveis do mundo. No ato espontâneo da cruz, da Verdade crucificada, não há necessidade de afirmação lógica ou jurídica. Dostoiévski permanece convencido deste Mistério, seu cristianismo é a religião da liberdade e não do constrangimento. E o sistema do Grande Inquisidor se alicerça justamente na falta de fé na Verdade, no constrangimento da liberdade no Amor. Mas seu princípio é refinado e sedutor, aparece revestido e mascarado com o aspecto do bem. A imagem do Cristo desdobra-se e tende a confundir-se com o Anticristo, e esta confusão do espírito é que Dostoiévski aprofundou muito bem. Seu Anticristo humanitário aceita as tentações porque deseja tornar os homens felizes, trazer a terra o paraíso. E é na antítese do Deus-Homem e do Homem-Deus que se realiza o destino humano. Este choque, este descobrimento, da idéia do homem que se levanta contra Deus, atinge um grau absurdo no personagem Kirilov em *Os Demônios* (2004, p. 120): “Ninguém pode julgar senão por si mesmo – pronunciou ele enrubescendo. – Haverá toda a liberdade quando for indiferente viver ou não viver. Eis o objetivo de tudo”. Kirilov quer realizar a salvação humana conferindo-lhe a imortalidade. E radicalmente oposta a morte de Cristo:

A vida é dor, a vida é medo, e o homem um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. E foi assim que fizeram. [...] O homem ainda não é aquele homem. Haverá um novo homem, feliz e altivo. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá. [...] Deus é a dor do medo da morte. Quem vencer a dor e o medo se tornará Deus. Então haverá nova vida, então haverá um novo homem, tudo novo.

No caminho da deificação do homem Kirilov oferece-se em sacrifício, mata-se, mas não é uma morte cristã. Seu novo mundo é fundado na divisão da história “em duas partes: do gorila à destruição de Deus e da destruição de Deus... – Ao gorila? [Stravóguin].” Dostoiévski coloca aqui uma intuição profunda sobre uma mudança concreta da humanidade. Uma deformação que tem como princípio: “Se for indiferente viver ou não viver, todos matarão uns aos outros e eis, talvez, em que haverá mudança” (Ibid).

A morte de Kirilov é radicalmente oposta a do Cristo, Cristo cumpriu a vontade do Pai, Kirilov a própria vontade, o mundo colocou Deus na Cruz, Kirilov mata-se a si mesmo. A morte do Cristo traz a vitória sobre a morte, a Ressurreição. A de Kirilov triunfa sobre o homem deificado, acaba na própria morte. Dostoiévski mostra o fracasso interior em Kirilov, que se assemelha ao Grande Inquisidor por sua característica de quase asceta. Nele Dostoiévski mostra a destruição do homem, a destruição de toda forma humana.

Dostoiévski, em seu aprofundamento sobre o espírito humano, indica uma grande matriz reflexiva que nos aponta o fracasso da lógica quando tenta descrever o ser humano. A ortodoxia, ou o cristianismo de Dostoiévski, não tem na lógica uma referência que nos possibilita compreender Deus e ser humano, mas sim na evidência da presença de Deus para algumas pessoas. O que nos aparece como terror vivido por seus personagens, nos indica antes de tudo, um relativismo presente no ser humano, que percebendo-se relativo busca, ou anseia, por absolutos. E isto acaba produzindo manifestações do próprio mal, como o absoluto do homem elevado ao lugar de Deus. Quando se ergue uma revolta contra idéia de que não existe lugar fora da liberdade, que é agônica porque o homem sempre estará diante da liberdade incriada, a saída é desviada para a salvação pela lógica. O Bem identificado com a felicidade e organização terrestre é o local por onde transita a lógica identitária do Grande Inquisidor. A liberdade para ele é, antes de tudo, algo que não pode ser identificado com uma necessidade, ou constrangimento.

O homem, para Dostoiévski, é necessariamente inacabado, porque infinito, constituído por algo misterioso. E toda a teoria que busque uma definição do homem é inimiga do próprio homem. Ao homem de certa forma é “roubada” a possibilidade de auto-definição, sob o custo de ver-se retirado do palavra, reificado. A verdade sobre o homem encontra-se neste abismo onde a definição não entra. E é o atravessamento deste provisório, deste abismo, que Dostoiévski nos indica como salvação. A consciência humana para Dostoiévski nasce da dor, quanto maior o conflito maior a consciência, por outro lado, quanto maior a fuga maior será o embotamento. O enfrentamento da dor, ou do mal, para ele é uma experiência da liberdade e o problema da moral vem sempre em primeiro lugar, justamente porque o ser humano é livre e nega esta liberdade. Para ele a verdadeira liberdade está no amor, na experiência do amor livre de constrangimentos dentro desta liberdade, que não passa por uma decisão, mas antes, por uma compreensão manifestada por algo de indizível. (PONDÉ, 2003)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERDIAEFF, Nicolai. **O Espírito de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, [194-?].
- BERDYAEV, Nikolai. **Slavery and Freedom**. New York: Charles Scribner's Sons, 1944.
- DE LUBAC, Henri S.J. **The Drama of Atheist Humanism**. San Francisco: Ignatius Press, 1998.
- DOSTOEVSKY, Fyodor. **The Notebooks for The Possessed**. Chicago: The University of Chicago, 1968.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch. **Irmãos Karamázov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Mikháilovitch. **Os Demônios**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Teologia do Niilismo: a inteligência do mal**. In: **Anais do X Congresso Internacional ABRALIC – Lugares do Discurso**. 2006. Rio de Janeiro.